

NOTA PRÉVIA



Manuel Migués\*

A Carta Magna da Competitividade, publicada pela AIP em 2003, apresentava valores muito abaixo da média europeia no que respeita a investimento do nosso país em I&D, em percentagem do PIB. Acrescia que, dessa despesa total, cerca de 70% era proveniente de financiamento público, um valor francamente superior à média dos restantes países da Europa. Por outro lado, Portugal apresentava um número total de licenciados em Ciências e Tecnologias ainda muito baixo quando comparado com o dos restantes países da U.E.

A publicação da OCDE “Education at a Glance”, de 2003, mostrava que Portugal poderia vir a sentir algumas dificuldades no recrutamento de professores para as áreas Tecnológicas. Além disso, os resultados dos alunos portugueses em literacia matemática e científica, no PISA 2000, posicionavam Portugal consideravelmente abaixo da média dos países da OCDE.

A procura de formação superior em algumas áreas científicas e tecnológicas mostrava alguma retração, o que contrastava com a necessidade de formação de profissionais nessas áreas e com a prioridade que se definia relativamente ao desenvolvimento científico e tecnológico do País.

Este foi, por assim dizer, o quadro de referência que deu origem ao estudo “Motivação dos Jovens Portugueses para a Formação Superior em Ciências e em Tecnologia: atitudes, expectativas e suportes contextuais subjacentes às escolhas dos cursos científico-tecnológicos por parte dos estudantes do 1º ano do ensino superior”, promovido pelo Conselho Nacional de Educação e financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Cumpre, aliás, que se expresse desde já um agradecimento à Fundação pelo seu contributo, sem o qual não seria possível concretizar este trabalho.

---

\* Secretário-Geral do Conselho Nacional de Educação

Este estudo foi desenvolvido por uma equipa de investigadores do Núcleo de Orientação Escolar e Profissional da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, dirigida pela Professora Doutora Lígia Mexia Leitão. O Relatório que dele resultou constitui a primeira parte da publicação que ora se apresenta.

Já em 2006 e no âmbito do Debate Nacional sobre Educação, o Conselho organizou um Seminário para apresentação do projecto e discussão das respectivas conclusões, que igualmente cumpria o objectivo de debater os modos e as formas de se incentivarem os jovens para a formação em Ciências e Tecnologias.

Enquanto na primeira parte do Seminário especialistas e académicos em diversas áreas, como a Orientação Profissional e Vocacional, a Matemática e a Ciência e Tecnologia, analisaram e comentaram o estudo, na segunda sessão responsáveis da administração, peritos em inovação e tecnologia, professores de Ciências no ensino secundário e no ensino superior, que procuraram identificar e reflectir sobre factores de incentivo ao prosseguimento de estudos e de carreiras profissionais no domínio da Ciência e Tecnologia.

As comunicações e debates apresentados neste livro dão boa nota da riqueza e do interesse que esta temática suscitou.

Temos plena consciência de que alguns dos pressupostos que originaram a presente publicação não têm idêntico relevo no momento presente. De facto, segundo os dados mais recentes, o nosso País tem melhorado os índices de despesa em I&D, em percentagem do PIB, e o sector privado tem feito subir a sua componente de investimento nesta área. À data em que este livro se publica, Portugal mostra índices mais favoráveis no que respeita ao investimento público e privado em I&D ou ao número de licenciados em Ciência e Tecnologia.

Os esforços desenvolvidos nos últimos anos explicam algumas evoluções positivas que se registam, mas as exigentes metas traçadas, nomeadamente pelo Plano Tecnológico, requerem continuidade e até

reforço das políticas públicas promotoras da investigação, da inovação e da valorização da ciência e da tecnologia entre os mais novos. Por outro lado, as melhorias nestes sectores serão tanto mais viáveis e notórias quanto mais se progredir no nível das qualificações dos portugueses, quanto maior for o envolvimento dos jovens e dos activos em actividades de formação profissional, quanto melhores e mais amplas forem as oportunidades de aprendizagem ao longo da vida, quando mais se reduzir o abandono escolar e quanto melhor se concretize o aumento do número de estudantes no ensino superior.

Reconheça-se ainda que poderá frutificar, a breve trecho, a atenção que tem vindo a ser prestada ao ensino da Matemática e ao trabalho prático e experimental na Educação em Ciência, com o envolvimento das instituições de ensino superior na formação e acompanhamento dos professores em programas específicos nestes domínios. O mesmo se dirá do incentivo ao regresso à formação e da diversificação de vias de conclusão do ensino secundário através do Programa Novas Oportunidades.

Por tudo isto, justifica-se plenamente a publicação deste livro sobre uma temática que o Conselho Nacional de Educação e a Fundação Calouste Gulbenkian reconheceram como tendo o maior interesse para o desenvolvimento científico e tecnológico do nosso País.

